REAL E BENEMÉRITA SOCIEDADE DE BENEFICÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DA SAÚDE E AS PRÁTICAS ASSOCIATIVAS DE IMIGRANTES PORTUGUESES EM SÃO PAULO (1859–1930)

YVONE DIAS AVELINO

Nesta comunicação os nossos olhares se voltam mais uma vez para o processo da imigração, especificamente a portuguesa, e as dificuldades no que se refere à saúde, enfrentadas por esses sujeitos em terras brasileiras no período de 1859 a 1870, respectivamente o ano de fundação da Sociedade Portuguesa de Beneficência e a inauguração do Hospital São Joaquim, resultado concreto dos esforços dessa associação. Para tanto, foram consultados o Arquivo do Estado de São Paulo, o Arquivo Municipal Washington Luiz, e o Arquivo da Sessão de Comunicação do Hospital de Beneficência Portuguesa, o São Joaquim.

Entre tantos outros, os problemas com a saúde pública na cidade de São Paulo eram graves, pois era escasso o saneamento no que se refere ao tratamento da água, embora esta fosse abundante, e ao esgoto, totalmente inexistente no início deste recorte temporal. As águas dos rios, associadas ao clima úmido foram também vetores de várias doenças – gripe, febre tifoide, varíola, cólera, difteria, escarlatina, meningite e a tuberculose, além de outros males. Algumas delas não eram transmitidas pelas águas, mas pela sujeira das ruas e casas em geral, que utilizavam esses mananciais como depósito de lixo. O contraditório era que esses afluentes também serviam para banho e utilização domiciliar, como preparo de alimentos e o consumo de água.

> "O [...] Anhangabaú recebia os restos dos bois abatidos e atravessava com eles ruas e bairros inteiros. Por outro lado, a estagnação das águas no Tamanduateí continuava dando margem para que se formassem nas suas várzeas depósitos perigosos de lixo e de bichos mortos [...] a direção dos ventos dominantes ainda contribuía para

> acarretar sobre a povoação todas as exalações pútridas que dali se elevavam em grande quantidade, do sangue e dos demais restos das reses que se matavam [...]" [1]

Conforme já descrevemos em comunicação anterior, esses imigrantes portugueses, cansados de conviver com os males de uma cidade bastante provinciana, que progredia a passos lentos, formaram uma sociedade de ajuda mútua, inicialmente apenas a seus patrícios e, posteriormente, a toda comunidade que dela necessitasse [2]. A união desses sujeitos sociais, em geral trabalhadores do comércio da província de São Paulo, foi oficializada através de uma assembleia em 26 de Setembro de 1859, resultando em uma lista de adesão que atingiu 168 assinaturas, documentadas na relação de matrículas dos sócios [3], sendo 149 homens e 19 mulheres. Pela própria necessidade, este grupo foi muito solidário entre si, para poder enfrentar as dificuldades e os imprevistos daquele *presente cotidiano*, parafraseando o compositor brasileiro Luiz Melodia. A formação da Sociedade/Associação é um exemplo desses esforços. Nessa direção, este grupo intervia em casos diversos de seus conterrâneos na sociedade paulistana, colaborando juridicamente, socialmente e materialmente, inclusive solicitando aos órgãos públicos liberações de presos que cumpriam penas leves e eram arrimos de família.

Tais notícias eram publicadas nos jornais, como é o caso do benefício concedido a Bernardo Martins Meira, que esteve recolhido na prisão por seis meses, por uma denúncia que veio de Portugal para o Brasil. A Sociedade Portuguesa de Beneficência interviu no caso, e o preso foi colocado em liberdade. Um outro caso refere-se a um pedido de soltura de Manoel Antonio Monteiro, que no ano de 1861 encontrava-se preso, e sua família, esposa e filhos pequenos, passava muito necessidade. Assim, a Sociedade interviu para que o preso fosse solto, o que ocorreu. A resposta dada pela Penitenciária de São Paulo foi publicada no Jornal o Correio Paulistano:

> "Penitenciária de São Paulo, 29 de Outubro de 1861.
> Ilmos. Srs. Presidente e Secretário da Sociedade Portuguêsa de Beneficência

1 Atas da Câmara Municipal de São Paulo, ano 1830-1850, p. 201. Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz. São Paulo.

2 AVELINO, 2013.

3 Ata de Matrícula dos sócios da Sociedade Portuguesa de Beneficência. Livro n.º 1. Ano 1859/1860.

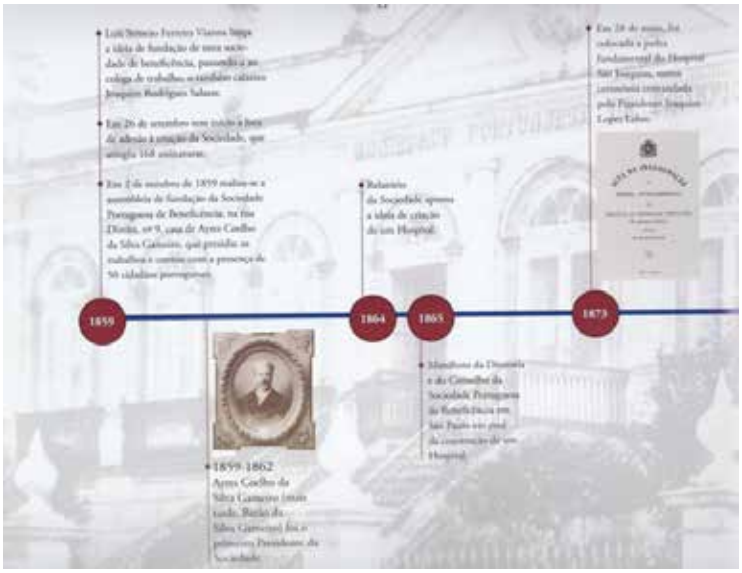
A recepção do ofício que em data de 19 do corrente, a ilustre Diretoria da Sociedade Portuguêsa de Beneficência, se dignou dirigir-me, foi por extremo lisonjeiro: senão pelo merecimento da causa que a provocou, ao menos pela expressão dos sentimentos com que nele se louva uma tão nobre quanto filantrópica associação.

Agradecendo pois com toda a efusão êste generoso ato da ilustre Diretoria que certamente avaliou em mais do que merecia o bem pouco que fiz, para adoçar a penível e dolorosa condição em que se achou nesta casa o colono Manoel Antonio Monteiro, eu me prevaleço desta ocasião para assegurar à ilustre Diretoria, minha profunda simpatia pela desgraça de outros súditos portuguêses que aqui se acham e a favor dos quais farei tudo quanto for compatível com êste sentimento e com o próprio dever.

Deus guarde a VV. SS.

Francisco Antonio de Oliveira”[4]

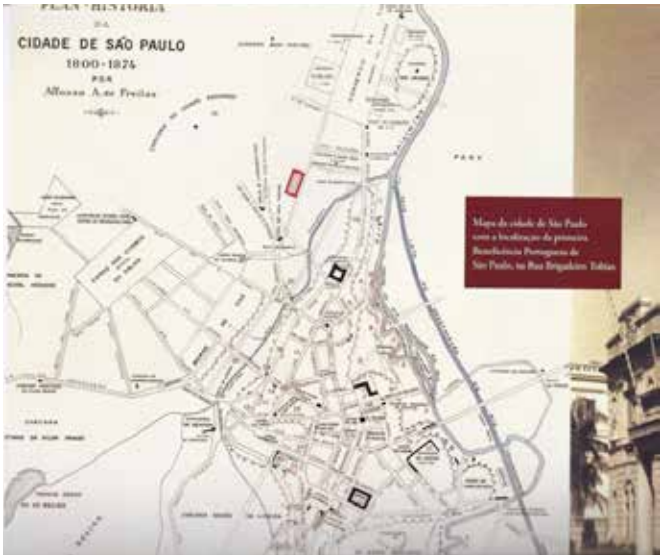
FIGURA N.º 1
Beneficência Portuguesa de São Paulo



Fonte: *Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859–2009).*

4 Jornal *O Correio Paulistano*, São Paulo, 29 de outubro de 1961.

FIGURA N.° 2
Beneficência Portuguesa de São Paulo



Fonte: *Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859–2009).*

Outro empenho ainda maior deu-se antes mesmo da inauguração de um hospital, pois este, apesar de ser um sonho, não cabia no orçamento restrito da Sociedade. Alguns anos após a criação da associação, um Relatório da Sociedade de 1864 atestava achar-se bastante generalizada pelos associados a ideia da fundação de um hospital ou casa de saúde, pois os auxílios prestados nos anos anteriores demonstravam uma carência de espaço para colaborar em mais casos. Ainda assim, com orçamento restrito, surgiu então a ideia de criação de um pronto-atendimento, denominado Casa dos Enfermos da Sociedade de Beneficência que, para tanto, precisou alugar uma casa, que foi adaptada aos padrões hospitalares por um ano, contendo mobília, 12 camas, 36 lençóis, 30 fronhas, 12 cobertores, 12 tamboretes (banquinhos), 12 bacias para rosto, 36 toalhas, uma banheira grande e uma menor, 12 cadeiras, 1 sofá, 1 mesa de jantar, 1 mesa de sala, utensílios de cozinha, armários, louças, talheres, toalhas de rosto etc. Necessitava-se de capital para contratar médicos, enfermeiros(as), cozinheiros(as), copeiros(as) e manter os gastos com a dieta dos enfermos e os remédios. Essa Casa devia ser um modelo no atendimento aos pacientes, e cumprir os regulamentos das Leis de Higiene e Saúde e, para isso, tomou o exemplo da renomada Clínica Médica do Doutor Betholdi. Alguns médicos eram voluntários, mas a maioria era paga.

O problema no transporte de doentes também foi crucial para a Sociedade, que ampliou o espaço físico desta Casa, buscando doentes em Santos e nas imediações. As comunicações entre o planalto e o litoral através da serra do mar eram péssimas. A viagem era feita com muares e cavalos, e o doente era levado em uma liteira de forma desconfortável e demorada. Um sócio, Joaquim da Silva Avelar, através de ofício enviado à Sociedade se compromete a gratuitamente fazer tais serviços[5].

FIGURA N.º 3
Luís Semeão F. Vianna

Fonte: *Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859-2009).*

5 Atas da Sociedade Portuguesa de Beneficência, p. 101.

FIGURA N.° 4
Primeiro diploma de associado

SOCIEDADE PORTUGUEZA
DE
BENEFICENCIA
EM S. PAULO
PROVINCIA DO BRAZIL.

DIPLOMA N.

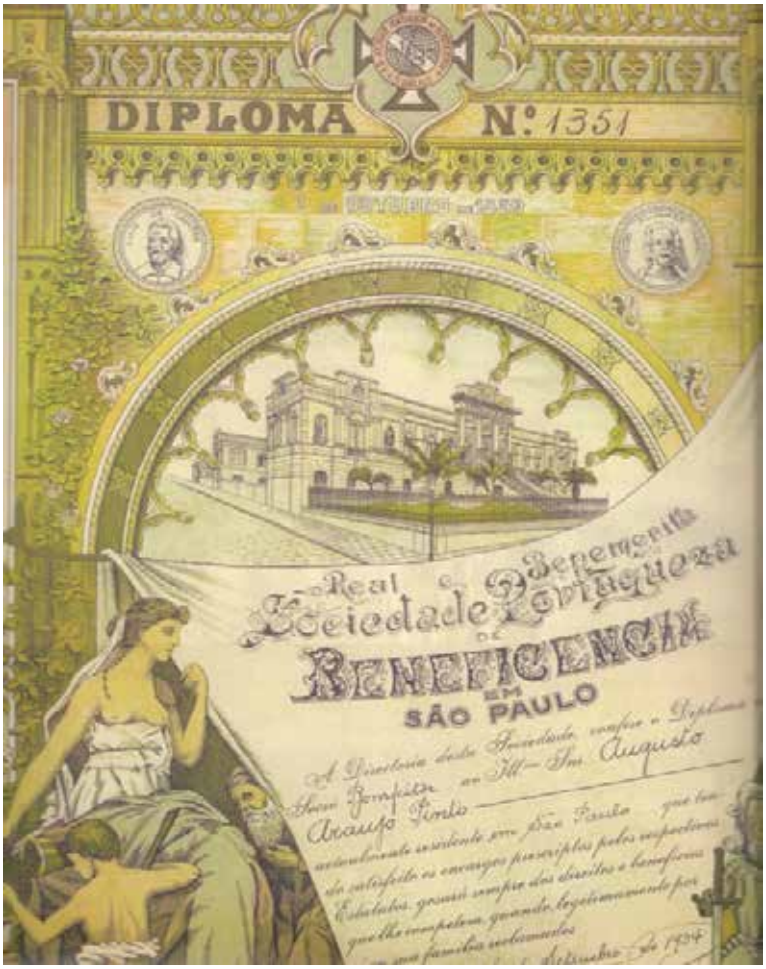
PRESIDENTE.

TESOUREIRO.

Primeiro diploma de associado.

Fonte: *Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859–2009).*

FIGURA N.º 5
Diploma de associado



Fonte: *Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859–2009).*

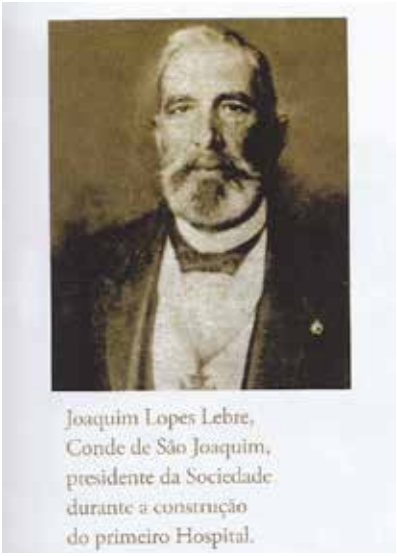
Vários são os ofícios solicitando ajuda médica, remédios e até passagens para retorno de imigrantes a Portugal, como no caso de Francisco Joaquim da Silva, que perdeu a visão em um acidente de trabalho. O benefício lhe foi concedido. A clínica do Doutor Betholdi constatou a gravidade de alguns casos, e se dispôs a ajudar os mais graves. Para isso, os médicos Teodoro Reichert, Luiz Lopes Batista dos Anjos e Guilherme Ellis passaram a atender os pacientes da Casa dos enfermos gratuitamente.

Entre esses vários ofícios, um me chamou a atenção, o de Miguel Gonçalves dos Reis, o "charuteiro", um dos sócios fundadores da Sociedade, e grande incentivador do jovem Luis Semeão Ferreira Vianna, objeto de nossa comunicação anterior que, com dezoito anos, idealizou a fundação dessa Associação. Em 1870, Miguel recorreu à Sociedade pedindo uma contribuição para ir embora para Portugal porque estava doente:

> "Ilmo. Sr. Presidente da Sociedade Beneficente
>
> Diz Miguel Gonçalves dos Reis, que querendo retirar-se para a Europa em consequência de enfermidade que tem sofrido ultimamente, e como tem a falta de recursos para esse fim, recorre à Sociedade como sócio que é para o socorrer para tal fim. O suplicante conta com a bondade da nobre diretoria para atender o seu justo pedido, que lhe seja concedida passagem desta cidade até a cidade do Porto aonde tenciona-ir-se tratar.
>
> Miguel G. dos Reis
> 20 de Dezembro de 1870"

Miguel veio a falecer antes de ser atendido em sua solicitação, pobre e doente, deixando em dificuldades materiais sua viúva, Isabel Maria dos Reis, com cinco filhos menores de idade. Esta também recorreu à Sociedade solicitando auxílio. Isabel recebeu a ajuda de dez mil Réis por mês. Atrevo-me, através de uma análise inicial dos requerimentos, afirmar que, muitos dos requerentes, humildes e sem estudos, como no caso de Isabel, levavam seus problemas e pedidos a um representante da Sociedade, que os ouvia e redigia tais documentos, encaminhando-os à Diretoria, pois a redação denuncia a escrita de uma pessoa letrada.

FIGURA N.º 6
Joaquim Lopes Lebre, conde de São Joaquim



Fonte: *Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859-2009).*

FIGURA N.º 7
José Alves Barreto, visconde de Nova Granada

Fonte: *Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859-2009).*

Nessa época, a Sociedade contava com 290 associados, e com enorme esforço destes e de não-sócios, já tinha estrutura financeira para comprar um terreno na atual Avenida São João para tal finalidade. Nos seis anos seguintes foram feitas contribuições para a construção do prédio, mas o terreno foi trocado por outro maior, na rua Alegre, atual Brigadeiro Tobias, 343.

Em 28 de Maio de 1873, teve início a construção da Unidade Hospital São Joaquim, em cerimônia comandada pelo presidente Joaquim Lopes Lebre, o futuro Conde São Joaquim, que não mediu esforços para acelerar a construção do edifício. Na verdade, ele já havia participado da fundação da Sociedade, tornando-se seu Presidente por várias gestões.

A edificação mobilizou os imigrantes portugueses, que fizeram contribuição em dinheiro e doações de materiais de construção. Houve também quem doasse utensílios e equipamentos, lençóis e cobertores [6].

Foram muitas as contribuições e também grandes as dificuldades, mas em 20 de Agosto de 1876, dia de São Joaquim, patrono da entidade, o Hospital São Joaquim da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência foi inaugurado. O hospital começou a funcionar sem ter suas instalações concluídas, mas havia o mobiliário e o aparelhamento necessário para o atendimento aos enfermos. Vários foram as doações por parte de associados mais abastados, assim como empréstimos concedidos pelo Banco do Brasil, para realizar melhorias necessárias ao cumprimento de um papel importante na sociedade paulista, atendendo à demanda de enfermos na segunda metade do Século XIX.

Em 1913, amadurece a ideia de um novo edifício hospitalar, com doações para essa construção vindas principalmente do Visconde de Nova Granada e do Conde de São Joaquim. Em 1936, recebe a sociedade um terreno para um novo hospital, na rua Maestro Cardin n.º 110 a 119, hoje rua da Beneficência Portuguesa.

6 *Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859-2009)*.

Figura n.º 8
Prédio antigo da Beneficência Portuguesa de São Paulo

Fonte: *Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859-2009).*

Figura n.º 9
Beneficência Portuguesa de São Paulo

Fonte: *Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859-2009).*

Figura n.º 10
Salão Nobre da Beneficência Portuguesa de São Paulo

Fonte: *Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859-2009).*

Esta pesquisa trouxe à tona para esta pesquisadora uma importante discussão, uma reflexão a respeito das instituições de poder dentro da sociedade, especificamente os hospitais. Para alguns autores, como Ivan Illich, Jurandir Costa Freire, Roberto Machado, entre outros, o hospital é retratado em suas obras como uma instituição que tem objetivos controladores e normatizadores, onde se estabelece uma íntima relação entre administração, médicos e sociedade. Datado dos finais do século XVIII, esses espaços de atendimento médico tiveram um papel muito significativo no século XIX, período do apogeu dos discursos científicos da racionalidade, que passaram a moldar o quadro do que seriam os símbolos da saúde em oposição aos símbolos da doença e morte, que precisavam ser combatidas, controladas e evitadas. A medicina passou a ser parte integrante do Estado, que se instituiu como um poder organizado e político. Articulou seus discursos com os planejamentos de saúde e higiene públicos, ao mesmo tempo em que ocorria a reorganização do espaço urbano.

A origem da história do hospital da Beneficência Portuguesa, mesmo estando inserida no contexto do século XIX e, certamente tendo feito sua interface com os discursos produzidos no período, nos permite uma reflexão além das críticas ao sistema feitas pelos autores aqui citados, ao trazer para a instituição hospitalar

um exemplo de solidariedade daqueles portugueses imigrantes que viviam na província de São Paulo, e que enfrentavam as mais diversas mazelas com esperanças de um futuro mais risonho e promissor a seus descendentes.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

Ata de Matrícula dos sócios da Sociedade Portuguesa de Beneficência. Livro n.º 1. Ano 1859/1860. Arquivo da Sessão de Comunicação do Hospital de Beneficência Portuguesa.

Atas da Câmara Municipal de São Paulo. Ano 1830-1850, p. 201. Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz. São Paulo.

Beneficência Portuguesa de São Paulo: Um século e meio provendo saúde (1859-2009). São Paulo: Real e Benemérita Associação Portuguesa de Beneficência de São Paulo, 2009.

O Correio Paulistano, São Paulo, 29 de outubro de 1961.

BIBLIOGRAFIA

AVELINO, Yvone Dias, 2013 – "Imigração Portuguesa e Saúde: A Fundação da Beneficência Portuguesa em São Paulo", in *De Colonos a imigrantes*. São Paulo: Alameda, 2013.

FOUCAULT, Michel, 1937 – *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FREIRE, Jurandir Costa, 1989 – *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal.

ILLICH, Ivan, 1975 – *A Expropriação da Saúde: Nêmeses da medicina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MACHADO, Roberto, 1978 – *Danação da Norma*. Rio de Janeiro: Graal.